

ESTUDO METAFÓRICO DAS DENOMINAÇÕES ATRIBUÍDAS À PROSTITUTA NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

A METAPHORICAL STUDY OF THE DENOMINATIONS ATTRIBUTED TO PROSTITUTES IN THE PORTUGUESE SPOKEN IN MARANHÃO

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19595

Gabriel de Matos Pereira¹
Theciana Silva Silveira²

Resumo: Este trabalho investiga metáforas linguísticas referentes à prostituta. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson (2015), e seus desdobramentos, com base, sobretudo em Fauconnier e Turner (1994), e Ferrari (2014). Metodologicamente, foram consideradas seleções lexicais de informantes de 16 localidades que compõem a rede de pontos do projeto ALiMA, no que se refere à mulher que se vende para qualquer homem. Os dados revelam variação em relação ao item investigado, com o registro de 26 variantes, muitas delas formadas por processos metafóricos. Para este trabalho, selecionaram-se as denominações metafóricas *safada*, *solteira* e *piranha*.

Palavras-chave: Metáfora; Léxico; Prostituta; Maranhão.

Abstract: This study investigates linguistic metaphors referring to prostitutes. It is based on the theoretical and methodological assumptions of Lakoff and Johnson's (2015) Conceptual Metaphor Theory (CMT) and its developments, drawing primarily on Fauconnier and Turner (1994) and Ferrari (2014). Methodologically, lexical selections from informants from 16 locations that make up the ALiMA project's network of points were considered, referring to women who sell themselves to any man. The data reveal variation in relation to the item investigated, with 26 variants recorded, many of them formed by metaphorical processes. For this work, the metaphorical terms "safada" (slut), "single," and "piranha" (slut) were selected.

Keywords: Metaphor; Lexicon; Prostitute; Maranhão.

Introdução

A metáfora tem sido tema de grande interesse de diversos pesquisadores, o que resulta em uma variedade de prismas pelos quais tem sido estudada. Na esteira de visões acerca do seu entendimento, trabalharemos aqui sob o domínio cognitivo, o qual acreditamos estar alinhados

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, graduando do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Federal do Maranhão, Campus Dom Delgado, Cidade Universitária. E-mail: gabriel.pereira@discente.ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7607-5599>.

² Doutora em Linguística. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Dom Delgado, Cidade Universitária. E-mail: theciana.silveira@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9672-2021>.

à nossa perspectiva, em que consideramos a metáfora como recurso cognitivo da língua, mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências e visão de mundo do indivíduo.

Desse modo, a metáfora deixa de ser um mero recurso estilístico utilizado na poesia e retórica, mas passa a fazer parte do cotidiano, das experiências cognitivas do indivíduo em todos os contextos (Lakoff; Johnson, 2015). No mais, entendemos ainda que esse recurso além de estar presente no nosso pensamento, por ser tratar de um fenômeno cognitivo, é expresso por meio de metáforas linguísticas que, segundo Kövecses (2010, p.14), “[...] são manifestações na forma de palavras ou expressões, das metáforas conceituais, que conseqüentemente representam um nível mais geral”. Essas palavras e/ou expressões além de revelarem o caráter ordinário da metáfora, nos mostram a visão que o indivíduo tem em relação a uma determinada realidade.

É seguindo essa ideia que este trabalho, com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), de maneira mais específica nas lexias utilizadas para definir “a mulher que se vende para qualquer homem? (Questão 139 QSL ALiMA), tem por objetivo identificar as denominações atribuídas à prostituta e investigar as metáforas linguísticas referentes a tais denominações, visando elaborar a representação genérica do processo de mesclagem conceitual das lexias *solteira*, *safada* e *piranha*.

Partimos da hipótese de que as denominações dadas à prostituta no Maranhão, em sua maioria, são formadas por processos metafóricos e que os traços presentes nos conceitos estão ligados diretamente à ideia que o indivíduo possui da imagem da *prostituta*. Assim, pretendemos, ainda, compreender de que forma os processos metafóricos estão presentes na formação do léxico maranhense.

Para tanto, organizamos este trabalho da seguinte forma: primeiramente, iniciamos o texto com esta introdução, em que apresentamos nosso tema de pesquisa; na seção 2, apresentamos nossos alicerces teóricos *Reflexões acerca da Linguística Cognitiva e do estudo da metáfora*, em que refletimos sobre a visão cognitiva da metáfora nas perspectivas da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), da Teoria dos Espaços Mentais (TEM) e da Mesclagem Conceitual, com base nos trabalhos de Lakoff e Johnson (2015); Fauconnier e Turner (1994); Ferrari (2014); na seção 3, discorremos sobre os nossos *Procedimentos metodológicos*, em que foram apresentadas as etapas de pesquisa, desde a coleta, o tratamento e a seleção dos dados; na seção 4, *Análises das designações para prostituta: representações do processo metafórico da mesclagem conceitual*, realizamos a descrição e a análise dos dados com bases nas lexias

obtidas e nas teorias discutidas neste texto; e, por fim, apresentamos nossas considerações e referências.

1 Reflexões acerca da Linguística cognitiva e do estudo da metáfora

A linguística cognitiva, doravante LC, representa uma abordagem no âmbito da linguagem, ao enfatizar sua relação intrínseca com os processos cognitivos humanos. Diferente das perspectivas formais e estruturais que tratam a linguagem como um sistema autônomo, a linguística cognitiva parte do pressuposto de que o significado linguístico não é arbitrário, mas emerge de esquemas cognitivos e categorias baseadas na experiência do falante. Portanto, a comunicação está diretamente ligada à experiência sensorio-motora, à percepção e às estruturas conceituais subjacentes ao pensamento, pressuposto este que representa um avanço significativo dessa abordagem nos estudos linguísticos (Ferrari, 2014).

Nesse sentido, noções como a da metáfora conceptual, por exemplo, demonstram como a linguagem reflete a organização do conhecimento humano. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (2015), mostra que metáforas estruturam não apenas a comunicação, mas também o modo como percebemos e interpretamos o mundo. Em outras palavras, nos estudos sobre a metáfora, a linguística cognitiva se destaca ao demonstrar que o uso metafórico da linguagem não é meramente ornamental, mas reflete padrões profundos do raciocínio humano.

A TMC surge como uma revolução nos estudos da metáfora, refutando a visão tradicional da metáfora, ao objetivar compreendê-la como um recurso que existe para além da linguagem, fazendo parte não somente do sistema linguístico, mas também do nosso sistema conceitual, presente em nosso pensamento. Com isso, a metáfora passa a ser entendida como um recurso utilizado pelos seres humanos em seu cotidiano, em suas vivências e em suas experiências, envolvendo nossas ações e emoções que, por muito tempo e, para a maioria das pessoas, foi visto como apenas um recurso de imaginação poética. Para Lakoff e Johnson, “[...] a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 39).

A partir da pressuposição de que a metáfora é onipresente, sua concepção passa a ser vinculada à forma como concebemos o mundo à medida que compreendemos e experienciamos os diferentes fenômenos, o que gera diferentes formas de interpretá-los. Os autores atentam

para o fato de que, na maioria das vezes, pensamos e agimos de maneira automática, e uma das formas de descobirmos esse sistema é por meio da linguagem.

Com isso, é possível afirmar que o pensamento humano é em grande parte de natureza metafórica; desse modo, entendemos que metáfora significa conceito metafórico. Nessa linha de pensamento, Lakoff e Johnson afirmam que

[...] as expressões metafóricas da nossa linguagem se encontram enlaçadas com conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e alcançar uma compreensão da natureza metafórica em nossas atividades (Lakoff; Johnson, 2015, p. 43).

De acordo com essa teoria, a metáfora é vista como uma ferramenta cognitiva essencial, que organiza o modo como as pessoas percebem e agem em relação à realidade.

Nesse sentido, a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo, no qual um domínio é representado conceitualmente em termos de outro. Em outras palavras, Lakoff e Johnson (2015) propõem uma relação sistemática entre dois domínios: (i) domínio-fonte e (ii) domínio-alvo. O primeiro é a fonte, pois é a origem da estrutura conceitual que inferimos; já o segundo é o alvo, meta ou destino, o local de aplicação das inferências. Esse mapeamento não se dá apenas na linguagem, mas em nossa experiência diária e em nossos pensamentos. Ou seja, as metáforas conceituais são vistas como estruturas mentais que orientam o pensamento humano e não apenas como figuras de linguagem superficiais.

Para ilustrar essa ideia, os autores apresentam a metáfora da guerra, em se tratando do domínio da discussão, ilustrada no diagrama a seguir.

Conceito: DISCUSSÃO (argumento) → Metáfora conceitual: DISCUSSÃO É UMA GUERRA

Nesse exemplo, utilizamos o conceito do domínio conceitual GUERRA para compreender o do domínio conceitual DISCUSSÃO. Lakoff e Johnson (2015) afirmam que, no bojo dessa metáfora, podemos ter uma variedade de expressões, como: *destruí seu argumento, nunca te venci numa discussão*, isso porque podemos ganhar e perder numa discussão, as pessoas com as quais discutimos são nossos oponentes, em outras palavras, muito do nosso pensamento a respeito do domínio da discussão é estruturado por termos do domínio da guerra. Eles ampliam, ainda, essa ideia quando nos levam a refletir sobre a relação que essas metáforas têm em relação

à cultura, pois dependendo de cada contexto cultural, teremos então conformação de metáforas motivadas por domínios diferentes.

Em se tratando das lexias analisadas neste trabalho, são diversos os domínios-fonte que são utilizados para denominar a *prostituta* (domínio-alvo), como, por exemplo, *relacionamentos*, *moralidade* e *universo animal*. Vale ressaltar que essas inferências, identificação de significados e conceitos são realizados, em sua maioria, de maneira automática, são poucos os indivíduos que refletem acerca da origem desses processos e buscam compreender os conceitos metafóricos estruturados em sua mente e o significado das metáforas utilizadas. Isso se dá porque as percepções que temos das entidades do universo estão imbricadas com as nossas experiências do/no mundo, com o nosso cotidiano; para além disso, as metáforas, por estarem ligadas a essas experiências, revelam a forma de pensar e enxergar de uma sociedade.

Assim, a TMC não só amplia a compreensão das metáforas, mas também sugere que o modo como estruturamos nossas experiências através de metáforas tem implicações culturais e sociais. Por exemplo, diferentes culturas podem utilizar diferentes metáforas para conceber conceitos como tempo, relações e moralidade, o que pode afetar os comportamentos e valores de uma sociedade.

1.1 Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual

Iniciamos ressaltando que Lakoff e Johnson (2015) não foram os únicos a tratar da metáfora na perspectiva cognitiva, outros estudiosos se ocuparam desse fenômeno. Neste trabalho, destacamos a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e a Teoria da Mesclagem Conceitual (Fauconnier e Turner, 1994), que a princípio foi vislumbrada como teorias alternativas à TMC; entretanto, trabalhos mais recentes como de Grady (1997), indicam a complementaridade dessas teorias (Ferrari, 2014). Nessa perspectiva, entendemos que essas teorias nos trazem importantes contribuições para pensarmos sobre o processo metafórico no ato de nomeação dos seres e objetos do universo.

Sobre os espaços mentais, Fauconnier (1994) aponta que são domínios de cognição que não são visíveis; o autor faz uma comparação com o *iceberg*, em que afirma que "a linguagem visível é a ponta do *iceberg* da construção invisível do significado que tem lugar enquanto falamos e pensamos" (Fauconnier, 1997, p. 1, tradução nossa).

Assim, a Teoria dos Espaços Mentais (TEM) objetiva expor e explicar o que acontece na construção invisível da nossa cognição, evidenciando que a linguagem humana é

primordialmente analógica, pois os seres humanos estabelecem comparações entre “elementos de diferentes espaços mentais o tempo todo, sendo tais o fundamento do nosso raciocínio em várias situações, desde a situação mais corriqueira mais elementar até elucubrações de caráter filosófico, metafísico ou metalingüístico” (Souza, 2003, p. 101).

De acordo com Fauconnier (1994), é por meio do processamento discursivo que os espaços mentais ou os chamados domínios cognitivos se configuram e são expressos. Nas palavras de Souza, “Numa prática comunicativa qualquer ativamos vários desses espaços, não só biunívoca, mas estabelecendo uma rede de projeções tal que a linguagem se configura como um complexo emaranhado de elementos, domínios e projeções” (2003, p. 21).

Assim, a Teoria dos Espaços Mentais (TEM) preconiza que os espaços mentais são criados à proporção que o discurso é desenvolvido. Desse modo, não são fixos, mas dinâmicos. Eles podem ser constantemente atualizados e modificados à medida que novas informações são recebidas ou novas hipóteses são formuladas. Isso significa que, ao processar a informação, os indivíduos constantemente “transitam” entre diferentes espaços mentais, ajustando suas interpretações conforme necessário.

Fauconnier e Turner (1994) colocam no bojo de análise de modelos cognitivos uma cadeia de espaços mentais, chamada de *mesclagem conceitual* que, segundo eles, “consiste em integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes em um terceiro domínio” (Fauconnier, 1997, p. 22), ou seja, é o processo no qual duas ou mais representações mentais, ou espaços mentais, são combinadas para criar um espaço de mesclagem. Esse novo espaço contém elementos de todos os espaços mentais envolvidos e gera significados adicionais que não são simplesmente a soma das partes.

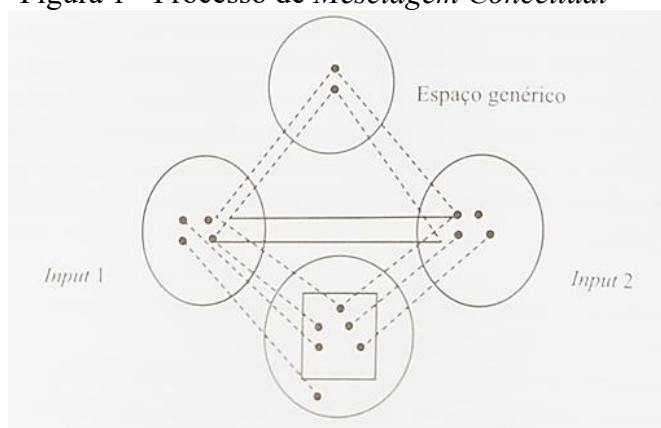
Esses dois domínios são chamados de *inputs*, que se conectam e permitem uma correspondência entre elementos análogos; a estrutura compartilhada pelos *inputs* fica contida em um espaço em comum chamado de *espaço genérico*, que gera uma nova estrutura, algo novo estabelecido pelo espaço-mescla. A inovação no espaço de mesclagem não reside apenas na combinação das informações de forma linear ou direta, mas na criação de um novo contexto interpretativo que pode ser mais complexo ou até inesperado. Esse processo cognitivo é intuitivo e ocorre frequentemente em situações cotidianas, como na linguagem, no raciocínio e na criatividade.

Ferrari (2014) nos explica o passo a passo desse processo da seguinte forma:

1. **projeção interdomínios:** projeção parcial entre elementos correspondentes dos *Inputs* 1 e 2.
2. **esquema genérico:** reflete a estrutura e a organização abstrata em comum entre os *inputs*, ou seja, a estrutura compartilhada por esses domínios.
3. **mescla:** os *inputs* são parcialmente projetados nesse quarto espaço. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não; entidades dos *inputs* podem ser fundidos em um só elemento da mescla, ou ser projetados separadamente.
4. **estrutura emergente:** a mescla tem estrutura emergente própria, inexistente nos *inputs*. A estrutura emergente pode ser construída de três maneiras:
 - a) por *composição* – os elementos projetados dos *inputs* compõem o espaço-mescla, e as relações que ficam disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriores à mescla.
 - b) por *completamento* – a nova composição de elementos no espaço-mescla pode evocar conhecimento compartilhado de *frames* e modelos cognitivos e culturais ainda não ativados nos *inputs*.
 - c) por *elaboração*: em função da nova lógica instaurada, é possível haver novas etapas de trabalho cognitivo dentro das mescla. (Ferrari, 2014, p. 121).

Ilustrando:

Figura 1 - Processo de *Mesclagem Conceitual*



Fonte: Ferrari (2014, p.122)

É com base nesse modelo apresentado que elaboramos a mesclagem conceitual das *lexias solteira, safada e piranha*.

2 Procedimentos metodológicos

Para nortear estes estudos, utilizamos os princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística, disciplinas que se ocupam em mapear os diversos dialetos, por meio de trabalhos como os Atlas Linguísticos (AL). Os AL são importantes na apresentação de dados utilizados na descrição e registro de informações referentes às identidades sociais e linguísticas de determinadas comunidades de diferentes dimensões geográficas, que podem ser desde pequenas áreas, como bairros, até países e continentes. Segundo Cardoso (2010, p.26), a Dialetoлогия considera “fatores sociais como relevantes na coleta e tratamento dos dados”, que também podem ser de natureza diatópica (espacial); enquanto a Geolinguística, ocupa-se do

registro das formas linguísticas, nessa distribuição espacial, a Dialetologia os analisa buscando encontrar aspectos e fenômenos social e culturais nas diferentes organizações sociais. Ambas as disciplinas possibilitam descrever e analisar o léxico e caracterizar as variantes com base nos vieses espaciais e sociais.

Tomando como base esses aportes, os dados da pesquisa foram extraídos do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), projeto dedicado ao estudo e mapeamento das variações linguísticas do português falado no estado do Maranhão. Vinculado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o projeto busca identificar e documentar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos que caracterizam o falar maranhense.

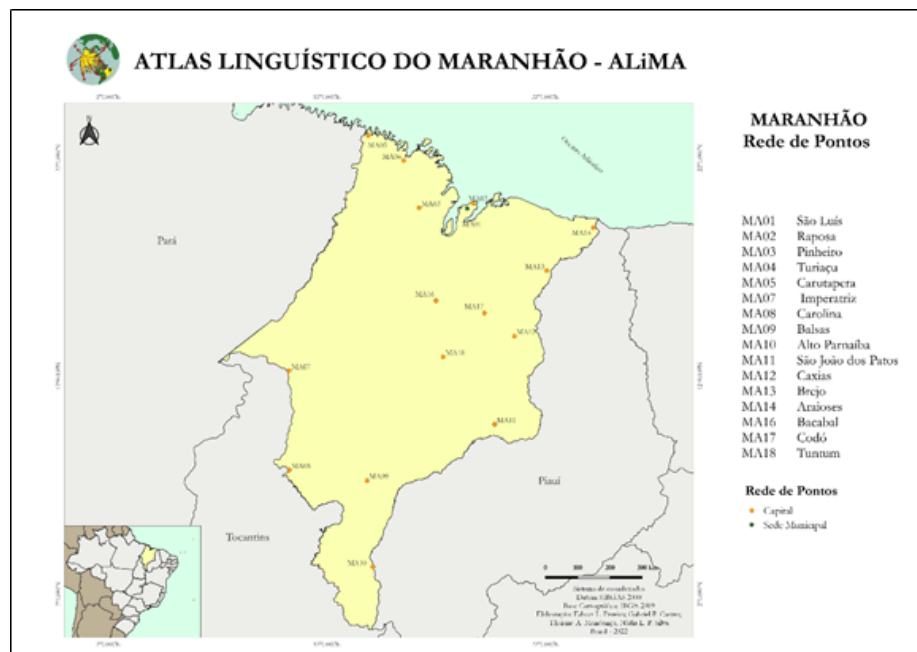
Tendo dito isto, as denominações aqui analisadas foram obtidas por meio da fala de informantes que responderam a pergunta 139, do Questionário Semântico-Lexical (QSL), do campo *convívio e comportamento social*, do Questionário do ALiMA: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?, em municípios maranhenses que integram a rede de pontos linguísticos do projeto.

A rede de pontos linguísticos do Projeto abarca as cinco mesorregiões do Estado do Maranhão – Norte, Sul, Central, Leste e Oeste –, abrangendo 16 localidades, assim distribuídas:

- Norte: São Luís (MA 1), Raposa (MA 2) e Pinheiro (MA 3);
- Oeste: Turiaçu (MA 4), Carutapera (MA 5) e Imperatriz (MA 7);
- Sul: Carolina (MA 8), Balsas (MA 9) e Alto Parnaíba (MA 10).
- Leste: São João dos Patos (MA 11), Caxias (MA 12), Brejo (MA 13) e Araisos (MA 14);
- Central: Bacabal (MA 16), Codó (MA 17) e Tuntum (MA 18).

A Figura 2 ilustra a distribuição dos 16 municípios de acordo com as mesorregiões do Estado:

Figura 2 - Rede de pontos do ALiMA



Fonte: Projeto ALiMA.

Para cada localidade, foram selecionados quatro informantes, exceto a capital, São Luís, onde foram considerados oito informantes, que somam o total de 68 informantes. Estes informantes estão classificados por idade, sexo e escolaridade. Quanto à idade, estão divididos em faixa etária 1 (18 a 35 anos) e faixa etária 2 (50 a 65 anos); quanto ao sexo, os informantes ímpares (1, 3, 5 e 7) são do sexo masculino e os pares (2, 4, 6 e 8) são do sexo feminino; quanto à escolaridade, os informantes de 1 a 4 são informantes com escolaridade Ensino Fundamental incompleto e os informantes 5 a 8, que somente são considerados em São Luís, capital do Estado, possuem escolaridade Ensino Superior completo ou em andamento.

Para catalogação dos dados utilizados foram feitas transcrições grafemáticas dos inquéritos, e as unidades lexicais foram organizados em tabelas Excel, para então seguirmos com as análises.

3 Análises das designações para *prostituta*: representações do processo metafórico da mesclagem conceitual

Os dados revelam a grande variação em relação ao item investigado, com o registro de 126 ocorrências e 26 variantes expressas na Tabela 1. Vejamos:

Tabela 1 - Variantes e ocorrências registradas para *prostituta*

LEXIAS	OCORRÊNCIAS
Prostituta, “prost”	34
Rapariga	29
Puta	9
Vagabunda	8
Meretriz	7
Mulher de programa/ Mulher que faz programa	6
Mulher da vida	5
Vadia	5
Quenga	2
Sem vergonha	2
Solteira	2
Safada	2
Bandida	2
Piranha	1
Maria-chuteira	1
Piriguete	1
Galinha	1
Falsa	1
Mulher barata	1
Garota de programa	1
Mundana	1
Puta de cabaré	1
Vulgar	1
Adúltera	1
XL	1
Mulher baixa	1
Total	126

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dos dados apresentados na Tabela 1, para efeito deste artigo, buscamos analisar e, utilizando a mesclagem conceitual, representar o processo metafórico das denominações *solteira*, *safada* e *piranha*. A escolha das lexias com menos ocorrência se deu pelo fato de que as variantes mais produtivas já estão sendo analisadas na cartografia do Atlas Lingüístico do Maranhão (ALiMA).

Para tanto, foi necessário lançarmos mão de dicionários gerais da língua portuguesa renomados: Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo (1947); Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011). O uso de dicionários foi fundamental para elaboração das análises, pois, por meio das acepções apresentadas, pudemos selecionar traços e realizar de maneira mais consistente as representações genéricas do processo de mesclagem das lexias selecionadas.

Todas as lexias analisadas foram registradas nos dicionários; no Quadro 1, apresentamos a dicionarização das denominações atribuídas à *prostituta*. Para lexias dicionarizadas com acepção correspondente ao universo investigado, utilizaremos (+) e para as lexias com acepção não correspondente, utilizaremos (-).

Quadro 1 - Dicionarização das denominações atribuídas à prostituta

Denominações/ Dicionários	Cândido Figueiredo (1947)	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2011)
<i>solteira</i>	+	+	-
<i>safada</i>	-	-	-
<i>piranha</i>	-	+	+

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora, em sua maioria, os registros das denominações atribuídas à *prostituta* não estivessem dicionarizados e/ou dicionarizados com outras acepções, as definições apresentadas nessas obras lexicográficas facilitaram nosso entendimento acerca das lexias, bem como permitiram uma melhor compreensão ao estabelecermos relações de associação entre os domínios ora analisados. Vale destacar que a escolha dos dicionários se deu, ainda, pelo ano de publicação; além de utilizarmos dicionários contemporâneos, como Houaiss e Aulete, selecionamos o de Cândido Figueiredo (1947) visando observar se as acepções eram próximas ou se haviam alterações significativas em relação à ideia de prostituta. Essa análise temporal

corroborou o entendimento acerca da visão que uma determinada sociedade tem em relação à *prostituição* (mulher), que hoje nos dicionários já é registrada como uma profissão.

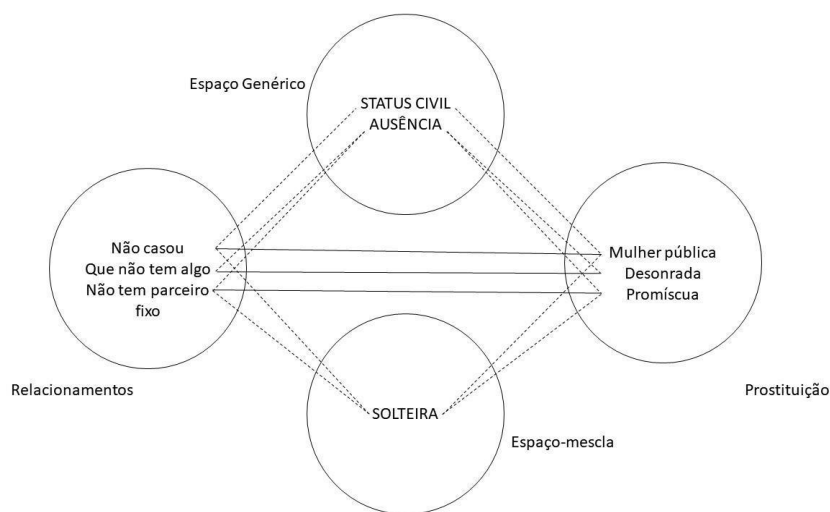
É importante retomarmos o pensamento central da Teoria da Metáfora Conceitual em que elementos lexicais podem estar associados a inúmeros sentidos quando levamos em consideração a ideia de experienciar algo em termos de outro. Assim, compreende-se que a metáfora não é um recurso puramente da linguagem em si, mas um mecanismo de compreensão do mundo. Nosso pensamento é fundamentalmente de natureza metafórica (Lakoff; Johnson, 2015).

Por não ser um recurso puramente da linguagem (estético/estilístico), a metáfora não está diretamente ligada ao nível linguístico dos indivíduos (escolaridade), o que corrobora a ideia de que todos os sujeitos realizam processos metafóricos ao longo de sua vida. Isso se dá, pois os indivíduos atribuem conotações particulares às lexias, alterando áreas de significação das palavras. Assim, o universo semântico se estrutura em torno da tensão entre os polos indivíduo e sociedade, originando o léxico. Este, por sua vez, é a somatória de toda a experiência acumulada e do acervo cultural de uma sociedade ao longo do tempo (Biderman, 2001). Podemos entender, então, que os processos metafóricos acontecem sem que os sujeitos percebam; para que consigam compreender o universo no qual estão inseridos, ou sempre que são apresentados a novos, os sujeitos buscam algo de semelhante, dentre os domínios inteligíveis que conhecem em seu próprio universo. Dessa forma, acabam por experienciar algo em termos de outro.

Esses domínios inteligíveis, ou conceituais, são os Espaços Mentais de Fauconnier (1997), que representam parcialmente entidades e relações em determinado cenário percebido, imaginado ou lembrado. Nesse contexto, a metáfora aparece como uma conexão entre características em comum nesses domínios, sendo resultado do processo de mesclagem conceitual. Utilizando esse processo, buscamos representar o processo metafórico da mesclagem conceitual das lexias *solteira*, *safada* e *piranha*.

A representação da mesclagem conceitual da lexia *solteira* leva em consideração dois universos representados pelos *Inputs* 1 e 2, que representam, respectivamente, na Figura 3, o universo dos Relacionamentos e da Prostituição. Ambos relacionam-se por estruturas compartilhadas, contidas no *espaço genérico*, que gera uma nova estrutura, contida no *espaço-mescla*.

Figura 3 - Representação genérica do processo de mesclagem conceitual da lexia *SOLTEIRA*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Vejamos as definições apresentadas nos dicionários:

Cândido Figueiredo (1947): *f.* (Fem. de solteiro). Adj. f. Bras. do N. e ant. Diz-se da **mulher pública**: “mulheres solteiras de partido, que **ganham por seu corpo**”. Castaneda, Hist. da Índia, II, c. 16; “as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na gandaia sem freios”. Eucl. da Cunha, Sertões, 199. Diz-se das fêmeas que não têm filhos: vaca solteira.

Houaiss (2009): *s.f.* **1 mulher não casada** **2 B N.E. infirm. ant. meretriz** **3** ICT *B* peixe caraciforme da fam. dos anostomídeos (*Leporellus vittatus*), encontrado em rios das Guianas, Peru, Colômbia, e de várias regiões do Brasil; atinge 30 cm de comprimento e possui corpo fusiforme com dorso escuro, faixa escura na linha lateral, e partes inferiores prateada **4** ICT m.q. **CHARUTO** (*Leporellus cartledgei*) **5** ICT *SP* m.q. **GUAIVIRA** (*Oligoplites saurus*) **6** ICT *ES* m.q. **VIÚVA** (*Parona signata*) **7** ICT *BA* m.q. **XARELETE** (*Caranx crysos*) ° ETIM solteiro + -a vogal temática tomada como desin. de fem, ° SIN/VAR ver sinonímia de meretriz.

Caldas Aulete (2011): *a.* **1** diz-se de quem ainda **não se casou**: *Ela está solteira até hoje.* **2** Separado, divorciado: *Solteira de novo, caiu na farra.* **3** Fig. Que se encontra carente; **que não tem algo** (*solteiro* de felicidades); FALTO; NECESSITADO [Ant.: *suprido*.] **4** Bras. Diz-se da fêmea de animal que não gerou filhos (éguas *solteiras*) **5** Náut. Diz-se de cabo que, apesar de disponível, não está sendo usado **6** Bras. Diz-se de semana sem feriado(s) **sm.** **7** Homem que ainda não se casou: *Os solteiros ficaram até o fim da festa.* [F.: Do lat. *solitarius*, *a*, *um*.]

Como forma de melhor entender a associação entre *solteira* e *prostituta*, buscamos o registro dessas lexias em dicionários gerais de língua portuguesa, tomando como base suas acepções. Por meio delas, chegamos aos dois *inputs* - 1. Relacionamento e 2. Prostituição - e verificamos como eles se correspondem. Temos, então, no *input* 1, os traços relacionados à *solteira*, como aquela que não se casou, que não tem algo, não tem parceiro fixo; esses *inputs*

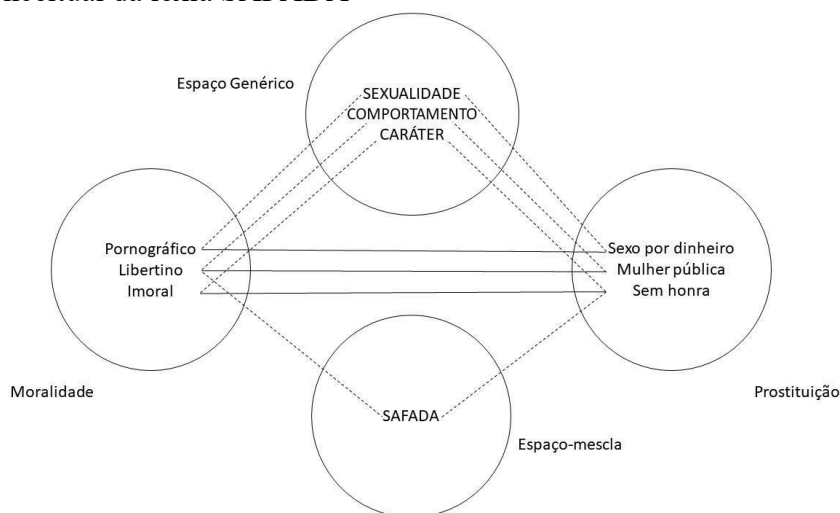
têm como espaço genérico os traços relacionados ao *status civil* e *ausência*. Em se tratando do *input 2*, a respeito da lexia *prostituta*, os dicionários registram como “mulher pública, desonrada, promíscua”.

O espaço genérico engloba traços presentes nos dois domínios, quando pensamos, por exemplo, na visão acerca da imagem da mulher numa sociedade patriarcal que não possui vínculo matrimonial, pois a ideia que se tem é de que a prostituta é vista como aquela com quem nenhum homem se relaciona por interesse para além do sexo, em outras palavras, a que nunca vai se casar. Essa ausência de uma referência masculina fixa reverbera, ainda, no fato de que a mulher solteira, nesse caso, não tem um só parceiro, o que leva a associar esse imaginário à ideia de promiscuidade. Ademais, quando definida como mulher pública, podemos compreender que há uma associação da dicotomia público vs privado e o relacionamento amoroso, em que o companheiro representa a posse do outro.

Traçando as características em comum dos dois domínios conceituais, percebemos, então, a lexia *solteira* emergindo no *espaço-mescla* como a representação metafórica para se referir à *prostituta*.

A mesma dinâmica se repete na Figura 4, em que representamos o processo de mesclagem conceitual da lexia *safada*. Vejamos:

Figura 4 - Representação genérica do processo de mesclagem conceitual da lexia SAFADA



Fonte: Elaborado pelos autores.

Vejamos as definições apresentadas nos dicionários:

Cândido Figueiredo (1947): *adj.* **Gasto ou deteriorado pelo uso**; cotidiano: *casaco safado*. *Pop.* **Desavergonhado**. *M.* Homem vil, desprezível.

Houaiss (2009): *adj.* (1533) **1 gasto ou inutilizado pelo uso** <*sapato s.*> **2** que **perdeu nitidez; apagado, desbotado** <*manuscrito s.*> **3** arrastado, afastado de lugar onde corria perigo <*barco s.*> **4 B S. RJ** muito zangado; enraivecido, danado, irado <*ficou s. com o vendedor desonesto*> **5 RJ** travesso, traquinas <*menino s.*> *adj.s.m.* **6 infm.** que ou o **que não tem vergonha de seus atos censuráveis; descarado, desavergonhado, cínico** **7 B** quem ou que **leva uma vida dissoluta; libertino, devasso, obsceno.**

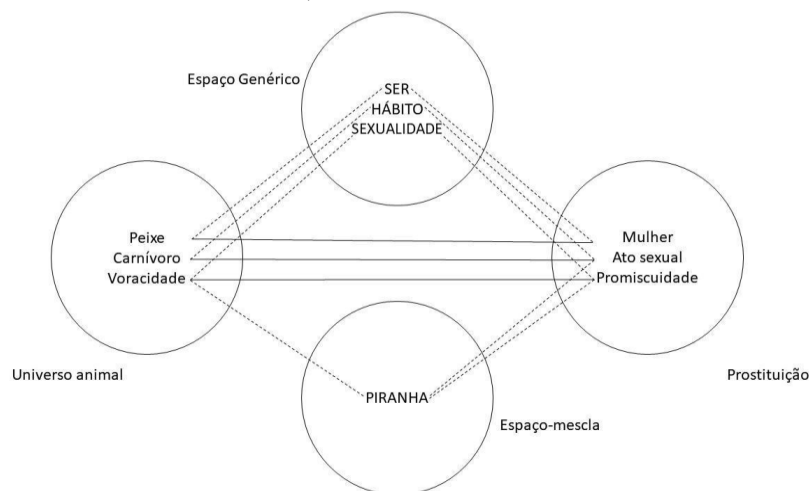
Caldas Aulete (2011): *a.* **1** Que demonstra cinismo, descaramento; que **não se envergonha das coisas** ruins que faz **2** Que se revela **imoral. indecente, pornográfico**: “Olhe! eles hão de dar-se perfeitamente, porque, tanto cara de safado tem um, como o outro!” (Aluísio de Azevedo, *O mulato*) **3 Bras.** Que é dado a molecagens, travessuras, troças (garotinho safado) **4 Bras.** Que está cheio de raiva, de indignação: *Ficou safado quando lhe criticaram.* **5 Desleal, leviano** ou incorreto no agir, no proceder **6 Gasto pelo uso** (chinelos safados) **sm.** **7** Indivíduo safado [F.: Part. de *safar*] # **Comer** ~ *Bras. Pop.* Ver *Comer da banda podre* no verbete *banda*.

Novamente, os *inputs* representam dois universos cognitivos distintos que se relacionam por meio de uma estrutura conceitual. No universo da prostituição, “sexo por dinheiro” relaciona-se a “pornográfico” do universo da moralidade, pois ambos são traços de uma sexualidade; “mulher pública” e “libertino” são correspondentes por associarem-se ao comportamento dessa mulher; enquanto “sem honra” e “imoral” estão associados a uma conceitualização de caráter. Ao correlacionarmos os traços dos dois universos, temos *safada* emergindo no *espaço-mescla* como representação metafórica de prostituta.

Vale destacar, que a lexia *safada* usada para designar a prostituta está relacionada, ainda, ao processo de adjetivação, uma característica é dada a essa mulher, neste caso, por meio de uma metáfora. Esse processo é muito comum nos dados catalogados, por se tratar de um campo semântico que envolve a visão e, conseqüentemente, o julgamento do falante em relação a essa entidade no universo. No caso da *mulher que se vende para qualquer homem*, isso se torna mais evidente, pois não estamos tratando apenas do comportamento da mulher, mas da própria mulher, independentemente de seu comportamento.

Na figura 5, representamos o processo de mesclagem da lexia *piranha*. Nesta representação, há uma associação e aproximação entre o universo animal e a prostituição.

Figura 5 - Representação genérica do processo de mesclagem conceitual da lexia *PIRANHA*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Vejamos as definições apresentadas nos dicionários:

Cândido Figueiredo (1947): *f.* **1 Peixe** da Amazônia, **de dentes anavanhados e mordedura perigosa**: “acabavam por tombar de inanição e humidade e ir rio abaixo, para gáudio de piranhas e candirus”. Ferr. de Castro, *Selva*, 175. **2 Bras.** Ave preta do Amazonas, de cauda bipartida.

Houaiss (2009): *s.f.* (1587) **1** ICT design. comum aos **peixes** teleósteos caraciformes da fa. dos caracídeos, fluviais, **que possuem dentes numerosos e cortantes, sendo carnívoros e extremamente vorazes** **1.1** ICT peixe (*Serrasalmus nattereri*) encontrado nas bacias do Amazonas, Paraná e São Francisco, vermelho, com cabeça e dorso acinzentados e até 20 cm de comprimento; chupita, coicoa, piranha-caju, piranha-vermelha [Espécie considerada muito perigosa, freq. destroça os peixes capturados em anzóis ou redes.] **1.2** ICT **peixe** (*Serrasalmus piraya*) encontrado nos rios São Francisco, Jaguaribe e Amazonas, com até 40cm de comprimento, dorso oliváceo e ventre amarelado, podendo apresentar manchas nos flancos; piranha-amarela, piranha-preta, piranha-rodoleira, rodoleira **2** ICT m.q. **PACU** (*Metynnis maculatus*) **3** ORN m.q. **TESOURA** (*Tyrannus savana*) **4** DNÇ **MÚS GO** dança de roda infantil em que um participante, colocado no meio de um grupo, deve fazer o que os outros mandarem **5 B pej.** **mulher que mantém relações sexuais por dinheiro; prostituta, meretriz** **5.1 p.ext. B pej.** **mulher de vida licenciosa, que mantém relações sexuais com muitos homens**; vadia ° ETIM tupi *pi'ráya* lit. ‘peixe com dente’ ° SIN/VAR ver sinonímia de *meretriz*

Caldas Aulete (2011): *sf.* **1. Zool.** Denominação geral a diversos **peixes** da fam. dos caracídeos (gên. *Serrasalmus* e *Pygocentrus*), encontrados em rios e lagos sul-americanos; são **predadores vorazes, dotados de dentes numerosos e cortantes e vivem ger. em cardumes**. **2. Bras.** **Meretriz, prostituta** **3. Bras.** Pej. **Mulher libertina, leviana, que tem relações sexuais com qualquer homem**; **VAGABUNDA** **4. GO Lud.** Dança de roda infantil em que a criança do centro deve executar o que os outros participantes mandarem [F.: Do tupi *pi'ra* 'peixe' + *ãia* 'dente'.]

O “peixe” do universo animal tem como correspondente a “mulher” do universo da prostituição, pois ambos são seres; “carnívoro” e “ato sexual” aproximam-se por expressarem traços de um hábito dos seres *peixe* e *mulher*, respectivamente. Já os traços de “voracidade” e

“promiscuidade” aparecem como correspondentes, pois estes se assemelham na percepção de sexualidade. Podemos relacionar, ainda, o fato de *as piranhas* viverem geralmente em cardumes, como consta no *Caldas Aulete*; se pensarmos nessa atividade em tempos mais antigos, as prostitutas eram encontradas em casas de prostíbulo, onde viviam em grupo, pois não possuíam a validação social da proteção masculina. Como visto anteriormente na primeira análise (*solteira*), a falta dessa referência masculina as colocava em uma situação de vulnerabilidade, o que resultava na necessidade de criar um lar de segurança. Assim, a vivência em grupo facilitava a proteção, bem como agenciamento dessas mulheres para o exercício da prostituição.

Mais uma vez, percebemos a conformação da metáfora relacionada a contextos cotidianos; é muito comum a associação de características animais atribuídas a seres humanos. Assim, a lexia *piranha* emerge no espaço mescla como representação metafórica de prostituta, pois os dois universos, ainda que distantes, apresentam traços que permitem a compreensão de um por meio do outro, característica principal da metáfora como mecanismo de cognição do pensamento.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi possível analisar as metáforas linguísticas atribuídas à *prostituta* e representar genericamente o processo de mesclagem conceitual dessas lexias. Com base nas nossas análises, entendemos que as metáforas trabalhadas *solteira*, *safada* e *piranha*, ao designarem à prostituta, revelam uma visão acerca da imagem da profissional do sexo na sociedade. Ao elaborarmos o processo de mesclagem conceitual, foi possível observar que os traços que aproximam os diferentes domínios estão associados à ideia de relacionamento, de moralidade e ao universo animal. Além disso, os traços evidenciam o imaginário social a respeito da mulher na sociedade, que sempre está ligado a uma imagem negativa e/ou pejorativa em relação ao seu comportamento e como a ausência da figura masculina a deslegitima na sociedade.

O uso de metáforas para falar da prostituta revela, ainda, uma tentativa de demarcação de distanciamento dos sujeitos com o tema, corroborando a ideia de que o uso da língua está diretamente ligado à sociedade e perpassa questões como as de tabu linguístico, quando consideramos constrangimentos representados por risos, silêncio, desconforto causados por questões morais, religiosas etc.

Para além dessas discussões, este trabalho reforça a premissa de que a metáfora é um recurso cognitivo utilizado no cotidiano do falante e está baseada em suas experiências. A ideia desse fenômeno utilizado apenas na retórica se torna limitado, uma vez que inúmeros trabalhos têm comprovado que a metáfora é um recurso do pensamento que se reflete no uso da língua e vice-versa, por isso está presente em todos os contextos, sejam eles triviais ou mais formais e/ou especializados.

Referências

- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *Conceptual projection and middle spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1947.
- GRADY, Joseph. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. Ph.D. diss. Department of Linguistics, University of California at Berkeley, 1997.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOVECSES, Zoltan. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Tradução de Carmen González Marín. Título original: *Metaphors we live by*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.
- SOUZA, Herbert Paulo. Metáfora X Não-metáfora: alguns aspectos sobre a fronteira entre o sentido literal e figurado na linguagem. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 45, p. 99-106, jul.-dez. 2003.

Recebido em 04 de fevereiro de 2025

Aceito em 02 de junho de 2025